

O poeta e a cidade no mundo romano

Cristina Pimentel, José Luís Brandão,
Paolo Fedeli (coords.)

UMA CIDADE QUE FALA. VOZES URBANAS NAS *SILVAS* DE ESTÁCIO

ANA MARIA LÓIO
Universidade de Lisboa
Centro de Estudos Clássicos

O percurso biográfico e poético de Estácio liga-o indelévelmente a duas cidades: Nápoles, onde nasceu e viveu até à adolescência e para onde deseja regressar em idade avançada; e Roma, para onde a família se mudou durante o principado de Nero, e talvez com o apoio deste. É esta última a que goza de maior protagonismo nas *Silvas*, dada a relação estreita entre a celebração do imperador e a da sua cidade.

Tal celebração assume contornos notavelmente originais. Um dos aspectos que Estácio explora no sentido de tornar o panegírico menos árido é a voz que o profere. Figuras mitológicas que habitam locais simbólicos da Roma de Domiciano adquirem voz nas *Silvas* para fazer, na primeira pessoa, o elogio do imperador. Gostaria de salientar a peculiaridade de duas dessas (muitas) vozes, que poderão ter-se inspirado em oradores invulgares que elogiam os Ptolemeus na poesia helenística. A extraordinária imaginação do poeta terá transformado o estímulo helenístico num Cúrcio regressado à superfície para louvar Domiciano e num Jano honrado por dividir com o imperador o protagonismo que lhe cabe no primeiro dia do ano.

1. O regaço de Parténope

A Nápoles em que Estácio cresceu era a principal cidade grega da Campânia e o maior centro cultural grego no ocidente. Contrariando o acentuado declínio cultural de outras colónias gregas da Magna Grécia, a colónia da Eubeia, tornada *municipium* em 90 a. C., manteve uma constituição grega, órgãos de governo locais, instituições cívicas e religiosas e um sistema de educação característicos¹; mais, era política municipal imitar práticas gregas². Do “modo de vida” grego dá testemunho Estrabão, assinalando, entre outros aspectos, o festival que se realizava de quatro em quatro anos, incluindo competições poéticas (5.4.7), e que rivalizava com os mais famosos de entre os gregos. Na verdade, os Jogos Napolitanos, apoiados pelo imperador, viriam a ser um modelo para festivais a fundar em Roma³. É simbólico do “estatuto” da cidade um episódio imortalizado por Tácito e que coloca Nápoles na biografia

¹ Hardie 1983 2, Lomas 2003 1031-1032 com bibliografia.

² Ver exemplos de tais práticas em Hardie 1983 3-4.

³ Hardie 1983 3-4.

de Nero. Considerando o seu talento demasiado grande para performances domésticas, o imperador terá decidido estrear-se precisamente no teatro de Nápoles, “quasi Graecam urbem” (*Anais* 15.33.2).

Na vanguarda da cultura grega, a cidade constituía local de erudição e lazer de gregos e romanos, que a alimentavam financeiramente. Nápoles era, para as classes romanas mais altas, uma estância balnear, o local onde os endinheirados tinham as suas *uillae* e onde procuravam a companhia de intelectuais gregos – assistiam aos seus espectáculos, adoptavam o traje grego e participavam nos seus jantares⁴. Além disso, jovens de famílias com poder económico do sul da Itália vinham receber instrução em poesia grega a Nápoles, onde também o pai do poeta ensinou antes da mudança para Roma⁵. A cidade foi, conseqüentemente, um ponto decisivo de intercâmbio cultural. Referindo-se ao principado de Nero, nota Hardie que Nápoles desafia distinções entre grego e romano nos domínios da poesia e da retórica⁶.

É nesta cidade que Estácio cresce e se forma, filho de um grego dedicado à escrita e ao ensino de poesia na sua língua. É possível que o pai do poeta frequentasse a corte de Nero. Hardie coloca a hipótese de que a mudança da família para Roma se relacione com o imperador. Conhecendo-se as suas aspirações culturais, não seria despropositado que Nero tivesse apoiado uma figura napolitana que se salientava na literatura⁷. De resto, a propriedade de Estácio, a que este se refere para agradecer o fornecimento de água que Domiciano lhe facultou, pode ter sido uma oferta imperial ao pai do poeta⁸.

Nas *Silvas*, Nápoles é Parténope, a sereia que, guiada por Apolo com o auxílio de uma pomba, terá fundado a cidade⁹. Em todos os livros das *Silvas* se faz o encómio de Nápoles, seja devido às suas qualidades, seja pela grandiosidade das figuras do círculo de Estácio que a ela estão associadas. No livro 1, no epitalâmio em honra de Estela e Violentila, Estácio partilha com a noiva a origem napolitana; ambos nasceram, pois, no regaço de Parténope (1.2.260-2). Já no livro seguinte, a cidade faz parte da deleitosa paisagem de uma das janelas da *villa* surrentina de Pólio Félix (2.2.84), o principal patrono de Estácio em Nápoles, e a quem o poeta dedica o livro 3. Isto torna-o o livro mais “napolitano” das *Silvas*. Logo no primeiro poema, é o deus Hércules, honrado por Pólio com um novo templo, quem refere Nápoles entre os locais

⁴ Hardie 1983 2-4.

⁵ Sobre o tema ver Hardie 1983 9-10, Nauta 2002 200 e McNelis 2002 69 com bibliografia.

⁶ Hardie 1983 3-4.

⁷ Hardie 1983 2, 12. Estácio tece comentários sobre a sua vida privada em *Silvas* 3.5, 5.3.

⁸ Hardie 1983 12-14. Sobre a hipótese de Domiciano ter sido aluno do pai de Estácio ver pp. 11-12.

⁹ *Silvas* 3.5.78-80, 4.4.52-4, 4.8.45-9. Apolo desempenha frequentemente o papel de divindade patrona da colonização (é esse o caso em *Eneida* 3.161-2, *Tebaida* 7.664). Laguna 1992 380.

associados à juventude do patrono de Estácio (3.1.93). Não é de estranhar, pois, que Parténope observe com agrado os jogos atléticos que celebram a dedicação do templo (3.1.151-2)¹⁰. O mais rasgado elogio da cidade ocorre em *Silvas* 3.5. Estácio procura persuadir a esposa, Cláudia, a mudar-se consigo para Nápoles. Depois de celebrar a fidelidade da companheira, o poeta elogia a Campânia, para se centrar por fim na sua cidade natal (74-104). O encómio de Nápoles constitui, assim, um argumento no âmbito de uma *suasoria*. A cidade é elogiada pelo seu meio natural e cultural. Os atractivos de Nápoles são complementados pelos das cidades vizinhas: Baias, Cumas, Miseno, Gauro, Cápreas, Surrento, Pitecusas, Estábias¹¹. No livro 4, além de recordar novamente o mito de fundação da cidade (4.4.52-54), Estácio imagina Parténope rejubilando com o nascimento de mais um filho de Júlio Menécrates, genro de Pólio (4.8.1). A cidade deve ainda assumir o papel de protectora do túmulo do pai de Estácio, a quem o poeta dedica um epicédio no último livro (5.3.104-115)¹². De acordo com *Silvas* 3.5, o poeta terá planeado regressar para Nápoles após o final do livro 3, publicado no ano 94; mas não é certo que o plano se tenha concretizado¹³.

2. Roma eloquente

As *Silvas*, como poemas que celebram ocasiões, possuem um cariz panegírico que choca a sensibilidade de muitos leitores modernos, em particular quando o elogiado é um imperador que as fontes retratam como uma figura temível e terrível. É-lhe dedicado o primeiro poema das *Silvas*, que se centra na sua gigantesca estátua equestre. Outro poema celebrará as Saturnais, nas calendas de Dezembro (1.6); e o panegírico toma a forma de uma composição cantando o cabelo do “favorito” de Domiciano, Eárino, em *Silvas* 3.4. Abre o livro 4 um ciclo dedicado ao imperador: o primeiro poema celebra a tomada do consulado pela décima sétima vez; o seguinte centra-se na *Domus Flauia*, onde Estácio havia sido convidado a participar num banquete que contava com a presença do imperador; por último, 4.3 enaltece uma obra pública de grande interesse e visibilidade, a Via Domiciana, que liga Sinuessa a Putéolos, facilitando a ligação entre Roma e a região da Campânia.

Independentemente da veracidade dos relatos que fazem de Domiciano uma figura hedionda¹⁴, e não sendo este o local para discutir a “adesão” de

¹⁰ Este passo coloca um problema textual, exposto em Laguna 1992 180.

¹¹ Sobre *Silvas* 3.5 ver Laguna 1992 338-392, Nauta 2002 316. Uma perspectiva diferente apresenta Newlands, de acordo com a sua leitura das *Silvas* como poemas que manifestam ansiedade em relação ao regime de Domiciano (ver Newlands 2002 195-197).

¹² Hardie 1983 67-68 sobre o elogio de Nápoles e de figuras napolitanas.

¹³ Ver Nauta 2002 204.

¹⁴ Sobre este problema ver Wiseman 1996.

Estácio ao programa imperial, importa ler o encómio do imperador no seu contexto e apreciar a originalidade que apresenta nas *Silvas*. Lembrando a proposta feita no início deste trabalho, centrar-me-ei num dos traços mais interessantes dos poemas que homenageiam Domiciano: o facto de o elogio ser proferido, por vezes, por figuras mitológicas que animam locais simbólicos da cidade. Refiro-me concretamente a Cúrcio, que intervém no elogio da estátua equestre de Domiciano em *Silvas* 1.1, e ao deus Jano, que acolhe e saúda pessoalmente o novo cônsul em *Silvas* 4.1.

Se é verdade que os oradores mitológicos são recorrentes na épica, uma outra tradição explica melhor o fenómeno nas *Silvas*. Com efeito, a personificação ou antropomorfização do discurso constituem elementos importantes na poesia panegírica helenística¹⁵. Coleman apresenta três exemplos de figuras mitológicas que se apropriam do discurso encomiástico¹⁶: a eloquente madeixa de cabelo de Berenice, uma das mais famosas criações de Calímaco (fr. 110 Pf.), votada pela rainha pelo regresso do marido, Ptolemeu III, da guerra na Síria; o discurso de Apolo, ainda por nascer, no hino a Delos (4.162-6), impedindo a mãe de o dar à luz na ilha de Cós, destinada a ser o berço de outro “deus”, Ptolemeu II; e a ilha de Cós, com o recém-nascido faraó nos seus braços, no idílio 17 de Teócrito (64-71), rogando a sua estima e exortando-o a emular o comportamento honroso de Apolo para com o local onde nasceu. Estes oradores são intervenientes pertinentes, pois estão directamente envolvidos nas situações de que o panegírico nasce. Ora, uma atmosfera semelhante aproxima a Roma imperial da Alexandria dos Ptolemeus. Coloca-se aos poetas, em ambos os casos, o problema da abordagem de um governante único. É possível que os poemas que celebram os faraós e os seus monumentos tenham proporcionado modelos encomiásticos aos poetas augustanos e, mais tarde, a Estácio¹⁷. No contexto augustano, é difícil não reconhecer pontos de contacto entre a tradição encomiástica a que nos temos vindo a referir e o discurso de Apolo em Propércio 4.6, o *aetion* do templo dedicado por Octaviano ao deus pelo auxílio prestado na batalha de Áccio. É o próprio Apolo que interpela Octaviano, incitando-o à batalha; e a sua intervenção é seguida pela de um outro deus, Júlio César¹⁸.

¹⁵ Coleman 1988 63-65.

¹⁶ Coleman 1999 76-77 ressalva que a madeixa de cabelo de Berenice se distingue dos outros dois oradores mencionados por proferir todo o poema, e não apenas uma parte, e por não ser uma figura mitológica convencional.

¹⁷ Coleman 1999 78-79.

¹⁸ Propércio 4.6.37-44, 59-60: “E disse: «Ó salvador da terra, oriundo de Alba Longa,| Augusto, de fama superior aos teus avôs Troianos,| vence agora no mar, pois já é tua a terra:| por ti combate este arco,| e todas as flechas que trago aos ombros estão do teu lado. | Liberta do medo a pátria, que confiante agora na tua protecção| acumula as preces do povo sobre o teu navio. | Se não a defendes, é porque Rómulo, ao tomar os auspícios da cidade,| interpretou

Coleman chamou já a atenção para a necessidade de entender o tom do discurso de Apolo à luz da técnica encomiástica helenística. Propércio é acentuadamente mais subtil do que Estácio, mas inspira-se na mesma estratégia encomiástica¹⁹.

E se não nos limitarmos ao fenómeno da atribuição de voz a figuras mitológicas, encontraremos ainda mais paralelos relevantes entre as *Silvas* e a celebração de governantes e/ou ocasiões na poesia helenística. A pertinência desta abordagem fica clara quando se compara, por exemplo, *Silvas* 1.1 com composições que celebram monumentos helenísticos, como o Colosso de Rodes (AP 6.171) e o farol de Alexandria (Posidipo AB 115)²⁰; o poema de Estácio relaciona-se, ainda, com as experiências de Calímaco envolvendo estátuas, nos *Aetia* e nos *Iambos*²¹. O estudo das *Silvas* à luz desta tradição afigura-se, pois, necessário: não apenas ajuda a compreender o projecto poético de Estácio, como torna mais evidente a originalidade e a imaginação do poeta.

A “egiptofilia” dos Flávios, e de Domiciano em particular, é um factor a ter em conta quando se equaciona a relação entre o encómio do imperador e o panegírico helenístico. É sabido que Domiciano construiu um complexo de templos egípcios no campo de Marte, dedicados a Ísis e Serápis; no centro deste complexo figuraria o seu obelisco, no qual se leriam títulos faraónicos aplicados ao imperador²². Ora, para o governante que exhibe estes gostos, seria certamente lisonjeador ser homenageado, em poesia, nos mesmos moldes que os Ptolemeus.

Um outro factor favorece a hipótese de Estácio se ter inspirado na poesia panegírica do tempo daqueles faraós. Chamou-se já a atenção para o perfil do seu pai: segundo o testemunho de *Silvas* 5.3, ensinara poesia helenística²³. Além disso, entre as actividades de um poeta profissional encontrar-se-ia o encómio, em ocasiões públicas ou domésticas. Esta vertente do trabalho do

mal as aves que voavam do Palatino. [...] Lá do astro idálio, César, seu pai, contempla-o com admiração:| «És um deus: esta vitória prova que és do meu sangue.» Cito a tradução de J. A. Segurado e Campos em Nascimento 2002 237-239.

¹⁹ Coleman 2003.

²⁰ Ver respectivamente Hardie 1983 131-132 e Obbink 2004.

²¹ Ao descrever a estátua, Estácio faz, em alguns momentos, associações simbólicas. Talvez Calímaco proporcione um paralelo para tal gesto. O poeta dialoga com a estátua de Apolo num fragmento dos *Aetia* (114 Pf.); parece dar uma explicação simbólica do arco que Apolo segura com a mão esquerda; na mão direita, tem as Graças. Ver Hardie 1983 132, Kerkhecker 1999 147-197, 204-207.

²² Ver Malaise 1972.

²³ O pai de Estácio ensinaria os poetas épicos e didácticos (Homero, Hesíodo, Epicarmo), cinco dos nove líricos, os alexandrinos Calímaco, Lícofron, Sófron, Corina – ficamos a saber no epicédio que Estácio lhe dedica (*Silvas* 5.3.148-58), com a intenção de mostrar a sua erudição e consequente versatilidade como poeta.

pai de Estácio terá certamente influenciado de forma decisiva uma obra do carácter das *Silvas*²⁴.

*

Havia no *forum* romano um local sagrado e muito antigo, envolto em mistério, associado a várias lendas e considerado uma porta para o “outro mundo”. Trata-se do Lago Cúrcio, que recebe o nome, na versão adoptada por Estácio, do herói republicano Quinto Cúrcio, imortalizado pela sua *deuotio* em 362 a. C.²⁵. Reza a lenda que era necessário sacrificar “a maior força do povo romano” para apaziguar os deuses. Cúrcio entendeu que a expressão se referia ao valor dos guerreiros romanos; montado no seu cavalo, atira-se ao pântano, que se fecha à sua entrada, indicando a aceitação do sacrifício²⁶. O acto de Cúrcio coloca-o na galeria dos heróis republicanos como um exemplo de coragem, de valentia, e símbolo da entrega que salva a pátria²⁷. É este guerreiro republicano que, em *Silvas* 1.1, regressa à superfície atraído pelo barulho da operação que visa instalar a imponente estátua equestre de Domiciano, votada após a vitória sobre os Germanos²⁸, perto da sua secular morada. O guerreiro eternizado pela bravura treme perante o tamanho e o brilho da estátua – reacção adequada a quem vive na escuridão do subsolo, num outro mundo, há tantos séculos, e se confronta repentinamente com um monumento gigantesco. Cúrcio mergulha três vezes a cabeça, aterrado, num pântano que já não existe, e só depois se dirige ao novo vizinho:

Saúdo-te, descendente e progenitor de grandes deuses,
divindade de que apenas ao longe tinha ouvido falar! Agora é afortunado o meu
pântano,] 75
agora é venerando, pois foi-me permitido conhecer-te de perto
e o teu imortal esplendor contemplar mesmo aqui ao lado.
Uma única vez fui eu que encontrei a salvação de
Rómulo – já tu as guerras de Júpiter, tu as batalhas do Reno,
tu o crime civil, tu a montanha que tarda em aderir aos tratados 80
com um longo conflito vergas. Pois se te tivessem gerado
os nossos tempos, terias tentado atirar-te ao fundo lago,
não me atrevido eu, mas Roma teria agarrado os teus freios.²⁹

²⁴ Sobre o tema ver Hardie 1983 15-30, McNelis 2002.

²⁵ Hardie 1983 131-132.

²⁶ Trata-se de uma versão muito antiga, provavelmente a etiologia original daquele monumento, talvez grega e remontando pelo menos ao século IV a. C. Varrão, *De Lingua Latina* 5.148-50, oferece três versões do mito. Ver Ogilvie 1970 75-76, Littlewood 2006 127-128.

²⁷ Fundamental a análise de Coleman 1999 67-70.

²⁸ A composição de Estácio inspirar-se-á na cerimónia de dedicação da estátua (como o poeta insinua no prefácio ao livro 1), que poderá ter sido conduzida pelo próprio Domiciano, na qualidade de Pontífice Máximo. Estácio parece sugerir o papel duplo de Domiciano como dedicatário e líder da cerimónia religiosa (Hardie 1983 131).

²⁹ *Silv.* 1.1.74-83 Courtney: ‘Salve, magnorum proles genitorque deorum, | auditum longe

Silvas 1.1 é um poema longo e complexo³⁰ e mereceu interpretações muito diversas³¹. Focaremos apenas alguns aspectos do protagonismo de Cúrcio e a dimensão simbólica da sua epifania e do seu discurso. Cúrcio é uma voz pertinente para proferir o panegírico por vários motivos. O seu estatuto heróico e sagrado proporcionam elementos de apoio ao encómio. O carácter divino de Domiciano é um dado adquirido nas *Silvas*; por isso, não surpreende que a presença da estátua imperial nobilite o *lacus*, em vez de ser o *lacus* a nobilitar o novo monumento. O herói habita a vizinhança da estátua. Acordá-lo e trazê-lo à superfície são maneiras de salientar que aquela causa um enorme impacto no coração da cidade. A orientação da estátua é muito significativa. O cavaleiro olha na direcção do templo de Júlio César, o que oferece ao poeta um pretexto para comparar Domiciano àquele governante (o imperador supera-o em clemência e teria evitado as guerras civis); está ladeado pelas Basílicas Júlia e Emília e protegem-lhe as costas os templos de Tito e Vespasiano e o templo da Concórdia.

O imperador integra um novo elemento, a estátua, na mais simbólica zona de Roma, tomando posição entre os antigos vultos da cidade, enfrentando-os e superando-os; são disso exemplo César e Cúrcio. O guerreiro assinala a distância que o separava do imperador, contrastando-a com a actual proximidade. Esta ultrapassa a dimensão física, topográfica, sugerindo uma analogia entre um

numen mihi. nunc mea felix, | nunc veneranda palus, cum te prope nosse tuumque | immortale iubar vicina sede tueri | concessum. semel auctor ego inventorque salutis | Romuleae: tu bella Iovis, tu proelia Rheni, | tu civile nefas, tu tardum in foedera montem | longo Marte domas. quod si te nostra tulissent | saecula, temptasses me non audente profundo | ire lacu, sed Roma tuas tenuisset habenas.⁷

³⁰ Depois de exprimir o espanto que a gigantesca estátua suscita, alvitando que poderia ser obra de um deus (1-7), Estácio compara-a favoravelmente ao cavalo de Tróia (8-21) e centra-se no local que ela ocupará, digno da sua grandiosidade (22-31). A descrição da estátua começa pelo cavaleiro, mais alto que os templos, travando guerras com a mão direita e exibindo na esquerda uma estatueta de Minerva (32-45); foca então o cavalo, comparado a alguns dos mais notáveis das artes e mitologia (46-55), para terminar no impacto da sua presença e força que empresta às mãos daqueles que trabalham em tão grandiosa obra (56-66). Depois da epifania de Cúrcio e do seu discurso, a estátua é dita superar a de Júlio César – em frente ao templo do Divino César – na mesma medida em que o novo governante supera o antigo (84-90). Canta-se, por fim, a eternidade da obra – superior a monumentos como o Colosso de Rodes –, que será visitada pelos membros divinizados da família imperial (91-98) e que é apresentada como uma oferenda do senado e do povo ao imperador, a quem se deseja uma vida longa (99-107). Consulte-se Geysen 1996, monografia exclusivamente dedicada ao poema.

³¹ Alguns críticos discernem em *Silvas* 1.1 um conjunto de críticas veladas a Domiciano, numa corrente interpretativa a que aludimos na nota 11. É o caso de Ahl 1984a e Ahl 1984b. Não é esta a minha leitura; apresenta igualmente reservas em relação àquela perspectiva L. Morgan, *BMC* 2002.09.13. Ver ainda E. Spentzou (2004), *JRS* 94 257-8; S. Myers (2004/5), *CJ* 100 213-215; W. J. Dominik (2006), *CR* 56 359-360.

“salvador” de Roma e o outro³². Mas Domiciano supera sempre Cúrcio: o herói republicano é ofuscado pelo herói que ao seu lado se instala. Cúrcio salvou Roma apenas uma vez, Domiciano fê-lo repetidamente – um pretexto para Estácio elencar as vitórias do imperador. Até em coragem o novo vizinho teria ultrapassado Cúrcio. Roma tê-lo-ia impedido de atirar-se ao pântano no seu lugar porque a cidade precisa que o imperador viva.

Mas a propriedade deste orador justifica-se ainda de outra maneira. O poeta refere que é o próprio Cúrcio quem guarda o local. Hardie chama a atenção para a hipótese de que, quando se erigisse um objecto numa terra do interesse de outra divindade, essa mesma divindade local fosse interpelada. É o caso do epigrama de Posidipo sobre o grande farol de Faros: a composição é dirigida a Proteu, o patrono do local, mas o farol é dedicado aos “deuses salvadores” e a Zeus Sóter, epítetos que dificilmente não pretenderiam incluir os Ptolemeus³³. Ora, o discurso de Cúrcio pode, pois, substituir a interpelação ao protector do local, invertendo a tradição – o interpelado, que seria Cúrcio, guardião secular daquele sítio, desempenha em *Silvas* 1.1 o papel daquele que interpela; e a divindade a quem o poema é dirigido, o dedicatário da oferenda, é o próprio imperador.

A dignidade e a credibilidade desta voz mítica tornam o cumprimento a Domiciano elegante³⁴. O estatuto lendário de Cúrcio permite que o poeta crie um discurso grandioso, dando-lhe formalidade, solenidade – um registo adequado ao encómio de um imperador e de um deus³⁵.

Estácio volta a inverter as expectativas em *Silvas* 4.1, que assinala o décimo sétimo consulado de Domiciano, no ano 95. No início de um novo livro, de um novo ano e de um novo consulado, o poema é dominado pela saudação que o próprio deus dos inícios, Jano, dirige ao imperador³⁶. Trata-se de uma *gratiarum actio*, um agradecimento a Domiciano por ter aceitado a honra de ser novamente cônsul³⁷; o consulado é apresentado, pois, como uma cedência do imperador à pressão do senado. As leis, as magistraturas e toda a Roma se alegram, e até as estrelas; mas Domiciano brilha mais do que elas. Os motivos do júbilo universal e do consulado como cedência são reiterados por Jano, que se coloca a par do imperador no papel de renovador dos anos e insiste na ausência de paralelo, na história de Roma, para o desempenho de Domiciano como governante:

³² É questão colocada por Coleman 1999 69.

³³ Hardie 1983 131-132.

³⁴ Como nota Coleman 1999 70 a propósito de Cúrcio.

³⁵ Coleman 1999 69.

³⁶ Um estudo das fontes do discurso passa necessariamente pelos *Fastos*. Jano é o orador no primeiro dia (*Fast.* 1.101-44).

³⁷ Hardie 1983 193.

Saúdo-te, grande progenitor do mundo, que comigo
 procuras renovar os séculos! Nessa qualidade deseja
 ver-te sempre no meu mês a tua Roma. Assim devem nascer os tempos,
 assim começar os anos. Oferece aos fastos sem parar 20
 motivos de júbilo! Esses ombros, que os envolva a pretexta
 com abundante púrpura tecida pelas mãos da tua Minerva.
 Vês como existe um brilho diferente nos templos, um fogo
 mais alto nos altares, e as próprias estrelas do meu inverno cintilam para ti,
 iguais às tuas virtudes? Exultam os cavaleiros e os povos, 25
 e os senadores vestidos de púrpura, e toda a magistratura toma do cônsul a sua luz.
 Que ano anterior, pergunto-te, teve algo parecido?
 Vamos, diz, poderosa Roma, e comigo, longa Antiguidade,
 enumera os fastos e não tragas a lume os exemplos menores,
 mas apenas aqueles que o meu César se digne superar. 30
 Três e mais dez vezes, no decorrer dos anos,
 Augusto transportou os lácios fascas, mas tarde começou a merecê-lo:
 tu, ainda jovem, ultrapassaste os teus avós. E a quanto renuncias,
 quanto não permites! Hás-de ser persuadido, todavia, pelas preces do senado,
 e há-de consentir muitas vezes este dia. Está por vir uma série 35
 mais extensa, e dar-te-á outras tantas a próspera Roma o ofício curul,
 e três e quatro vezes mais. Comigo nova idade há-de fundar,
 e por ti será novamente inaugurado o altar do antigo Tarento.
 Hás-de carregar mil troféus – consente, apenas, os triunfos.
 Falta à Bácia, falta à Babilónia com novos tributos 40
 pôr o freio; ainda não está no regaço de Júpiter o loureiro índico,
 ainda não apresentam petições os árabes e os chineses, ainda não foi honrado
 todo o ano – dez meses desejam ainda nomes tomados de ti.
 (*Silv.* 4.1.17-43)³⁸

³⁸ *Silv.* 4.1.17-43 Coleman: ‘Salve, magne parens mundi, qui saecula mecum| instaurare paras, talem te cernere semper| mense meo tua Roma cupit; sic tempora nasci,| sic annos intrare decet. da gaudia fastis| continua; hos umeros multo sinus ambiat ostro| et properata tuae manibus praetexta Minervae. | aspicias ut templis alius nitior, altior aris| ignis, et ipsa meae tepeant tibi sidera brumae| moribus aequa tuis? gaudent turmaeque tribusque| purpureique patres, lucemque a consule ducit| omnis honos. quid tale precor prior annus habebat?| dic age, Roma potens, et mecum, longa Vetustas,| dinumera fastos, nec parva exempla recense| sed quae sola meus dignetur vincere Caesar. | ter Latios deciesque tulit labentibus annis| Augustus fascas, sed coepit sero mereri:| tu iuvenis praegressus avos. et quanta recusas,| quanta vetas! flectere tamen precibusque senatus| permittes hunc saepe diem. manet insuper ordo| longior, et totidem felix tibi Roma curules| terque quaterque dabit. mecum altera saecula condes,| et tibi longaevi renovabitur ara Tarenti. | mille tropaea feres – tantum permittite triumphos. | restat Bactra novis, restat Babylona tributis| frenari; nondum in gremio Iovis Indica laurus,| nondum Arabes Seresque rogant, nondum omnis honorem| annus habet, cupiuntque decem tua nomina menses.’

Tradicionalmente, o cônsul fala em nome da República; por analogia, o Jano de Estácio fala por Roma, referindo-se à cidade no início das três secções do seu discurso: o comentário da situação presente (17-27), o passado e os seus precedentes (27-33), o futuro (33-42)³⁹. Roma é pertença de Domiciano, onnipotente e próspera.

A atribuição de voz a Jano e a extensão do seu discurso, que ocupa boa parte do poema, são aspectos muito significativos. É costume que o cônsul que entra em funções faça o discurso de *gratiarum actio* ao imperador pelo *beneficium* do cargo; mas podia também dar-se o caso de o novo cônsul interpelar directa e pessoalmente Jano⁴⁰. Estácio explora imaginativamente esta possibilidade. O poeta inverte os discursos: em vez de o novo cônsul interpelar Jano, é o deus quem interpela o cônsul. Esta é igualmente uma maneira elegante de contornar uma situação melindrosa, o facto de ser o imperador a assumir o consulado.

A legitimidade de Jano para interpelar Domiciano pode conhecer outros fundamentos. Jano estava associado a *Aion*, a deificação do conceito de eternidade. Ora, testemunhos poéticos e algumas moedas sugerem a hipótese de que Domiciano fosse assimilado às funções de Jano-Aion, representando a eternidade de Roma e do império⁴¹.

Há ainda mais um aspecto a considerar na relação entre Jano e o imperador. Existia um templo dedicado a Jano no final do Argileto, formando um corredor entre o *forum* romano e o de César, no local onde Domiciano mandou erguer a nova Cúria em 94. O deus apresentaria duas faces, justificando o nome *Geminus*, e o templo teria duas entradas. Por ocasião das obras da Cúria, o imperador ofereceu ao deus um novo templo, no qual Jano figuraria com uma outra morfologia, com quatro faces, o que explica a sua designação, Jano Quadrifronte. Domiciano instalou-o no *forum* por si idealizado, entre o de Augusto e o Templo da Paz. O *forum* era conhecido como “transitorium” por constituir o principal caminho entre a Subura, o *forum* romano e os outros *fora* imperiais⁴², e exibiria detalhes arquitectónicos semelhantes aos do palácio imperial. Num extremo do *forum* erguia-se o templo em honra da deusa preferida de Domiciano, Minerva, e no centro ou no extremo oposto encontrar-se-ia o templo de Jano Quadrifronte. Cada face do deus contemplaria, simbolicamente, um *forum*: o de César, o de Augusto, o *forum* romano e novo *forum* de Domiciano. É ainda de assinalar que esta localização o tornava vizinho do Templo da Paz, a que Jano se encontra proverbialmente associado. Marcial celebra este monumento no livro 10:

³⁹ Hardie 1983 193.

⁴⁰ Ver *Silv.* 4.2 e *Mart.* 8.8. Com Hardie 1983 193, nota 71.

⁴¹ Hardie 1983 193.

⁴² Platner – Ashby 1929 278-280.

Pai magnífico dos anos e do luminoso universo,
o primeiro que invocam as preces e os votos públicos,
antes habitavas uma morada exígua, ponto de passagem
por onde Roma em peso trilhava o seu caminho.
Agora teus limiães enchem-se das dádivas de César
e contas tantos foros, Jano, quantas são as caras.
Mas tu, pai venerando, grato por tamanha oferenda,
guarda tuas férreas portas fechadas com aldraba sempre posta.⁴³

Parece-me relevante que Jano seja, além da divindade associada aos inícios e à tomada da magistratura consular, o deus honrado por Domiciano com um novo templo, numa localização privilegiada – no *forum* concebido pelo imperador, na vizinhança da sua Minerva, e com o simbolismo de unificar os *fora*, o coração de Roma. Se a estátua equestre de *Silvas* 1.1 dominava o perímetro do *forum* romano e os edifícios circundantes, o novo Jano articula as principais praças da cidade, símbolos de outras fases da história de Roma, marcas de outros governantes. Tal articulação seria particularmente clara se o templo tivesse de facto quatro entradas e ocupasse a extremidade do *forum* de Domiciano⁴⁴. Permanece em dúvida, no entanto, de onde é que Estácio imagina o deus proferindo o seu discurso em honra do imperador. O modo como Estácio descreve o deus adequa-se mais à sua figuração como *Geminus* – possui uma “voz dupla”, são referidas duas entradas (*Silv.* 4.1.12, 16); no entanto, Jano parece encontrar-se perto do Templo da Paz, o que se ajusta à sua nova localização (*Silv.* 4.1.13). Na proposta de Coleman, as referências não são incompatíveis: Jano dirige-se ao imperador do seu mais antigo templo, aludindo igualmente ao novo⁴⁵.

3. Nos poemas de Calímaco e Teócrito a que nos referimos atrás, a fantasia encontra-se ao serviço do panegírico. O mesmo pode dizer-se dos poemas das *Silvas* em que a palavra é dada a uma figura mitológica: o orador concretiza a fusão do mundo real com o mítico, possibilidade posta ao serviço do elogio, emprestando-lhe originalidade, diversificando-o. Com efeito, o “aparecimento” do orador justifica uma breve narrativa introdutória; a sua envergadura mitológica faz dele uma figura com propriedade para discursar, permitindo assim a variação da voz que profere o encómio; o artifício permite, ainda, avançar e recuar no tempo⁴⁶, comparar passado e presente. É prática de

⁴³ Marcial 10.28. Cito a tradução de Paulo Sérgio Ferreira em Pimentel 2004 34-35.

⁴⁴ A localização do templo a Jano Quadrifronte é disputada. Permanece igualmente em aberto a morfologia do templo, tanto o de Jano *Geminus* como o de Jano Quadrifronte. Ver Anderson 1984 137 com bibliografia; Platner-Ashby 1929 280; Coleman 1988 62-65, 69-71.

⁴⁵ Coleman 1988 71.

⁴⁶ Coleman 1999 78-79.

Estácio, à semelhança do que sucede nos poemas gregos referidos, atribuir o discurso a uma divindade que esteja associada ao local ou à ocasião⁴⁷. Cúrcio e Jano constituem, pois, oradores cuidadosamente seleccionados. Ambos se enquadram no cerimonial da ocasião que celebram, Cúrcio fazendo o papel da divindade local, Jano como o deus a quem o discurso do início do ano poderia ser endereçado. Estácio joga com as convenções das cerimónias, adaptando-as às necessidades da poesia; é assim que o destinatário convencional de um discurso toma o lugar, no universo de Estácio, de orador.

Mas Cúrcio e Jano têm ainda outro aspecto em comum: testemunham a apropriação do espaço por parte de Domiciano. O fenómeno repete-se, de resto, no caso da Via Domiciana (*Si/v.* 4.3), celebrada na voz do rio Volturno, drenado e canalizado no decurso da obra, e da Sibila de Cumas, símbolo do final da viagem a sul. Ao dar voz a Cúrcio e Jano, Estácio acaba por chamar a atenção para aspectos da intervenção urbanística do imperador⁴⁸. As duas figuras são símbolos de uma Roma em transformação. Domiciano procura abrir espaço para si entre as marcas deixadas por aqueles a quem outrora pertenceu a cidade.

⁴⁷ Coleman 1988 65.

⁴⁸ Sobre a intervenção de Domiciano na cidade existe abundante bibliografia, da qual saliento Darwall-Smith 1996. Ver também Dewar 2008 65-72.